

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

PAULO HENRIQUE GONÇALVES

**PRODUÇÃO DE VÍDEOS A PARTIR DA COMPREENSÃO DO PROCESSO DE
ALIENAÇÃO SEGUNDO O MITO DA CAVERNA DE PLATÃO**

**CURITIBA
2015**

PAULO HENRIQUE GONÇALVES

**PRODUÇÃO DE VÍDEOS A PARTIR DA COMPREENSÃO DO PROCESSO DE
ALIENAÇÃO SEGUNDO O MITO DA CAVERNA DE PLATÃO**

Artigo apresentado para obtenção do título de Especialista em Mídias Integradas na Educação no Curso de Pós-Graduação em Mídias Integradas na Educação, Setor de Educação profissional e Tecnológica, Universidade Federal do Paraná.

Orientadora: Profa. Silvia Reich

**CURITIBA
2015**

Produção de vídeos a partir da compreensão do processo de Alienação segundo o Mito da Caverna de Platão

GONÇALVES, PAULO HENRIQUE

Curso de Especialização em Mídias Integradas na Educação, SEPT/UFPR.

Polo UAB de Apoio Presencial em Foz do Iguaçu/PR.

RESUMO: Este Artigo teve como objetivo a produção de vídeos de curta metragem, apresentando o Mito da Caverna na atualidade, desenvolvendo assim o espírito crítico e a reflexão filosófica a cerca da relação do Mito da Caverna do filósofo grego Platão com as questões históricas da vida cotidiana do aluno. Para a produção desse Artigo relatou-se o trabalho desenvolvido com uma turma do 3º ano do Ensino Médio do Colégio Estadual Barão do Rio Branco do município de Foz do Iguaçu. Neste trabalho, os alunos realizaram o estudo sobre o conceito de alienação na sociedade atual, compreendendo a teoria do conhecimento de Platão, através da análise do Mito da Caverna, e relacionando a alegoria com situações vivenciadas por eles no cotidiano. Como culminância e produto final, os alunos produziram vídeos sobre esta análise e relação com as situações do cotidiano.

Palavras-chave: Produção de Vídeo. Desenvolvimento do espírito crítico. Disciplina de Filosofia. Ensino Médio.

1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa e produção de vídeo foram realizadas com os alunos do Ensino Médio, matutino do Colégio Estadual Barão do Rio Branco, localizado no município de Foz do Iguaçu. O tempo para realização da atividade foi o primeiro semestre do ano de 2015.

Primeiramente, o estudo do tema proposto exigiu do aluno um pleno conhecimento da Alegoria: Mito da Caverna de Platão (ANEXO 1) e da definição e compreensão do termo alienação. E para isso utilizou-se a pesquisa científica para melhor embasamento teórico do assunto.

Posteriormente, os alunos foram divididos em grupos e cada grupo apresentou o trabalho de conclusão através da produção de um vídeo, curta-metragem para relatar a sua compreensão e conclusão do assunto. Este vídeo deveria apresentar todos os elementos do Mito e sua relação com uma situação atual, vivenciada por eles.

O vídeo deveria apresentar de forma explícita a relação do Mito da Caverna com uma situação vivenciada no cotidiano do aluno. O vídeo deveria ter a duração entre três a cinco minutos, apresentando um roteiro com personagens que poderiam ser os próprios alunos e deveria ter imagens, som e legenda explicativa.

Além do conhecimento produzido e adquirido pelos educandos, valorizou-se a capacidade de articulação em grupo, a destreza no manuseio das tecnologias atuais, na produção do vídeo e na postagem em redes sociais.

A produção partiu de uma pesquisa bibliográfica acerca do tema: Mito da Caverna de Platão, sendo este parte integrante do conteúdo estruturante Mitologia grega da disciplina de Filosofia. A partir da análise do clássico do filósofo grego buscou-se trabalhar o tema relacionando-o a alienação.

Platão, na Alegoria: Mito da Caverna define a alienação como a anulação da personalidade. Partindo da análise dessa concepção, o Artigo aqui apresentado preocupou-se com a problematização da submissão do individualismo, a diminuição da capacidade do indivíduo em pensar e em agir por si mesmo, levando-o à compreensão de como conciliar o pensamento individual ao pensamento coletivo.

Para tanto, foi necessário compreender o Mito da Caverna. E isto consiste em conhecer e interpretar a história, qual a intenção do autor com esta alegoria, desvendar qual o significado de cada elemento, cada sujeito da narrativa. E posteriormente, com todo o embasamento teórico, ser capaz de relacionar o Mito da Caverna com uma situação vivenciada no dia-a-dia, isto é, relacionar o mito com a sociedade contemporânea, percebendo a situação de alienação vivenciada pelas pessoas na sociedade atual.

Para melhor aprendizado e conhecimento, se fez necessário buscar embasamento em outras literaturas com teóricos que também analisaram esta temática, dentre eles: Luc Brisson e Jean-François Pradeau, que na sua obra “Vocabulário de Platão” apresenta uma definição clara dos elementos do Mito da Caverna, os quais podem ser facilmente relacionados com situações atuais. Michel Foucault, que na obra “Repensar a Política” esclarece alguns conceitos importantes

da relação Mito da Caverna com a política ateniense. A obra “Platão” de Franco Trabattoni, onde explicita a fundamental concepção platônica da teoria das ideias e a relação com o Mito da Caverna.

Além dessas leituras, convém destacar a obra “A Caverna” de José Saramago, que nos apresenta um novo olhar para o mundo globalizado, centralizando o modelo econômico neoliberal como uma nova ordem mundial, onde as fronteiras desaparecem, as grandes corporações controlam o mercado mundial, os países perdem suas fronteiras e as pessoas passam a ser controladas como massa e não como indivíduos, perdendo assim a sua individualidade, sua maneira de agir e de pensar.

Dessa forma, procurou-se atingir o objetivo de desenvolver o espírito crítico e a reflexão filosófica a cerca da relação do Mito da Caverna com as questões históricas da vida cotidiana dos alunos, bem como, apresentar conceitos fundamentais do pensamento filosófico ocidental que constitui uma ferramenta importante para a formação da atitude filosófica.

Para tanto, se fez necessário refletir sobre o conceito de alienação na construção do pensamento filosófico e no entendimento da busca pela verdade. Isto é, uma compreensão maior da situação vivenciada, a partir da análise da conjuntura e dos paradigmas da sociedade capitalista e neoliberal.

2 REVISÃO DE LITERATURA

A investigação bibliográfica em relação ao tema proposto deu-se acerca de alguns teóricos da filosofia clássica, que desenvolveram seus trabalhos na análise e compreensão do Mito da Caverna de Platão.

Uma vez que essa pesquisa é decorrente da obra de Platão, “A República”, em seu livro VII, na qual ele apresenta a alegoria através dos diálogos de Sócrates com Glauco e Adimanto, expõe a sua alegoria e a explicação filosófica da mesma. Cabe destacar e citar a obra através do texto de Cabral (2015):

A narrativa expressa dramaticamente a imagem de prisioneiros que desde o nascimento são acorrentados no interior de uma caverna de modo que olhem somente para uma parede iluminada por uma fogueira. Essa ilumina um palco onde estátuas dos seres como homem, planta, animais etc. são manipuladas, como que representando o cotidiano desses seres. No entanto, as sombras das estátuas são projetadas na parede, sendo a única imagem que aqueles prisioneiros conseguem enxergar. Com o correr do tempo, os homens dão nomes a essas sombras (tal como nós damos às coisas) e também à regularidade de aparições destas. Os prisioneiros fazem, inclusive, torneio para se gabarem, se vangloriarem a quem acertar as corretas denominações e regularidades.

Imaginemos agora que um destes prisioneiros consegue sair das amarras e vasculhar o interior da caverna. Ele veria que o que permitia a visão era a fogueira e que na verdade, os seres reais eram as estátuas e não as sombras. Perceberia que passou a vida inteira julgando apenas sombras e ilusões, desconhecendo a verdade, isto é, estando afastado da verdadeira realidade. Mas imaginemos ainda que esse mesmo prisioneiro saísse da

caverna. Ao sair, a luz do sol ofuscaria sua visão imediatamente e só depois de algum tempo, consegue habituar-se à nova realidade, poderia voltar a enxergar as maravilhas dos seres fora da caverna. Não demoraria a perceber que aqueles seres tinham mais qualidades do que as sombras e as estátuas, sendo, portanto, mais reais. Significa dizer que ele poderia contemplar a verdadeira realidade, os seres como são em si mesmos. Não teria dificuldades em perceber que o Sol é a fonte da luz que o faz ver o real, bem como é desta fonte que provém toda existência (os ciclos de nascimento, do tempo, o calor que aquece etc.).

Maravilhado com esse novo mundo e com o conhecimento que então passara a ter da realidade, esse ex-prisioneiro lembrar-se-ia de seus antigos amigos no interior da caverna e da vida que lá levavam. Imediatamente, sentiria pena deles, da escuridão em que estavam envolvidos e desceria à caverna para lhes contar o novo mundo que descobriu. No entanto, como os ainda prisioneiros não conseguem vislumbrar senão a realidade que presenciam, vão debochar do seu colega liberto, dizendo-lhe que está louco e que se não parasse com suas maluquices acabariam por matá-lo. (CABRAL, 2015)

Percebe-se claramente a intenção de Platão com a alegoria e permite-se interpretá-la a partir de uma reflexão sobre os elementos que a compõem. A Caverna seria o mundo de aparência em que vivemos. As sombras projetadas no fundo da caverna são as coisas que percebemos através de nossos sentidos. As correntes, ou grilhões, são os preconceitos, opiniões e nossas crenças de que o que estamos percebendo é a realidade. Os prisioneiros somos nós, membros da sociedade. O prisioneiro que se liberta e sai da caverna é o filósofo, o personagem pensante e crítico. A luz do sol é a luz da verdade. O mundo iluminado pelo sol 'd a verdade é a verdadeira realidade.

E Platão continua afirmando em sua obra, que o prisioneiro para sair da caverna, a qual significa o marasmo, o comodismo, e para nós aqui, a situação de alienação, precisa indignar-se com esta realidade e buscar um instrumento que o liberte. Instrumento este, e com o qual deseja libertar os outros prisioneiros, é o conhecimento. Trabattoni (2010, p.116) sugere:

O aspecto da alegoria sobre a qual Sócrates se centra no início é a condição de estranheza e de incompreensão recíproca entre filósofos (educados) e não filósofos (não educados): o não filósofo está habituado a seu mundo (o da caverna) e não quer deixá-lo; quando é levado para fora, devido à dor e fadiga da nova experiência, não encontra nada de gratificante, e deseja voltar para dentro do seu antro (TRABATTONI, 2010, p. 116).

Trabattoni (2010, p.118) afirma em sua obra que o conhecimento verdadeiro para Platão está na Filosofia e ele diferencia o filósofo do não filósofo, e defende que somente o filósofo deve governar a cidade e que:

É a partir do filósofo governante, que teremos uma sociedade de coesão e melhor. O filósofo é um idealista em seu tempo. "Por outro como vimos, o

principal escopo dessa alegoria é mostrar a diferença de educação entre filósofos e não filósofos” (TRABATTONI, 2010, p. 118).

O Mito da Caverna é uma das histórias mais clássicas da Filosofia, e uma das mais lidas no mundo acadêmico. Platão define sua teoria do conhecimento e a educação na formação do Estado ideal, como também retrata como a cidade ateniense estava organizada.

Esta obra é importante para entender a mudança de concepções de Platão em relação à política ateniense. Ele afirma que é somente pelo conhecimento da verdade que se pode alcançar a felicidade. O conhecimento verdadeiro, diferente do conhecimento mitológico, faz com que o indivíduo se liberte das correntes que o aprisionam. No campo teórico, a compreensão do texto clássico, proporciona uma interpretação da teoria do autor para assim, relacioná-la a realidade do indivíduo ou mesmo da sociedade. Pode-se observar no texto de Brisson e Pradeau (2010, p. 52):

Na República os mitos nos mostram a questão da palavra dita. Platão nos mostra um (status) que é algo superior ao filósofo nos indica que caminho devemos trilhar. Temos que organizar a nossa vida. Na República, é o mito, e, mais precisamente, a mentira nobre, que justifica a unidade da cidade, cuja população está dividida em três grupos funcionais: artífices, guardiões e filósofos governantes. Os três grupos funcionais devem ser persuadidos do fato de que nascem da mesma terra, ainda que sejam feitos de metais diferentes: ouro, prata ou bronze. (BRISSEON e PRADEAU, 2010, p. 52)

Essa metáfora explica a realidade em duas visões diferentes: as coisas sensíveis, dominadas pelos sentidos, e as coisas inteligíveis, dominadas pelas ideias, ou razão. Mostrando que a maioria das pessoas vive no domínio das coisas sensíveis e na condição da ignorância, sem objetos e conceitos de conhecimento. E o domínio do mundo das ideias, percebido pela razão, é o único que pode levar a verdade, pois está acima do sensível, sendo apenas sombras dele, pois os sentidos levam ao engano.

Pode-se observar assim, a dualidade existente entre luz e escuridão, essência e aparência, sombra e realidade, verdade e ilusão, o que sobrepõe o papel da filosofia, como uma ciência reflexiva e que procura desmistificar a realidade. E evidencia o sofrimento pelo qual se deve passar para sair das sombras e chegar ao conhecimento verdadeiro, e ainda que, esta mudança pode apresentar consequências desastrosas e perigosas para o modelo de sociedade imposto. Heidegger apud Platão (1996, p.102) relata:

O mito da caverna nos abre os olhos sobre o que, na história da parte da humanidade que recebeu a influência ocidental, constitui agora e constituirá ainda no futuro o acontecimento propriamente histórico. De acordo com a definição de verdade como exatidão da representação, o homem pensa tudo o que é segundo as ideias e aprecia toda realidade segundo os valores. O que de fato importa, o que é realmente decisivo, não é saber quais ideias e quais valores são estabelecidos e aceitos, mas antes, que, de

um modo geral, o real é interpretado segundo ideias, e que o mundo é avaliado segundo valores (HEIDEGGER apud PLATÃO, 1996, p. 102).

E como o autor mesmo evidencia, a desmistificação da realidade e a busca da sabedoria só se observam em alguns indivíduos, mesmo estes, sabendo do mal que, seus semelhantes podem proporcionar. Pode-se indagar: Será que a sociedade está preparada para sofrer essa mutação? Os indivíduos estão dispostos a sofrer para descobrir a verdade que está além da alienação das sombras da sociedade? Pois, conforme afirma a alegoria, os prisioneiros não estão dispostos a buscar a verdade, e pior ainda, agridem os que querem. Assim, pode-se relacionar essa apatia ao conhecimento e a novas possibilidades existenciais à alienação cotidiana que é imposta a humanidade.

Percebe-se que a palavra alienação nos transmite vários significados. Pode-se definir como uma cessão de bens, transferência de domínio a outrem e até mesmo uma perturbação mental. Mas precisamos entendê-la como a diminuição da capacidade dos indivíduos em agir e pensar por si próprios. Afirmando também que a consciência de sua realidade e de seu mundo se encontra fortemente diminuídos e determinados pela própria realidade. Conforme exposto escrito por Abbagnano (2007, p. 26):

Alienação: (in. *Alienation*; fr. *Aliénation*; ai. *Entfremdung*; it. *Alienazione*). Esse termo, que na linguagem comum significa perda de posse, de um afeto ou dos poderes mentais. Na linguagem filosófico-política hoje corrente, esse termo tem os significados mais díspares, dependendo da variedade dos caracteres nos quais se insiste para a definição do homem. Se o homem é razão autocontemplativa (como pensava Hegel), toda relação sua com um objeto qualquer é Alienação. Se o homem é um ser natural e social (como pensava Marx), Alienação é refugiar-se na contemplação. Se o homem é instinto e vontade de viver, Alienação é qualquer repressão ou diminuição desse instinto e dessa vontade; se o homem é racionalidade operante ou ativa, Alienação é entregar-se ao instinto. Se o homem é razão (entendida de qualquer modo), Alienação é refugiar-se na fantasia; mas, se é essencialmente imaginação e fantasia, Alienação é qualquer disciplina racional. Enfim, se o indivíduo humano é uma totalidade autossuficiente e completa, Alienação é qualquer regra ou norma imposta, de qualquer modo, à sua expressão. A equivocidade do conceito de Alienação depende da problematidade da noção de homem. (ABBAGNANO, 2007, p. 26.)

A definição filosófica de alienação consiste na renúncia de algumas liberdades individuais a favor do Estado ou de outrem, e esta renúncia aborda o estado de que alguém, ou um grupo, é ou se converte em algo desconhecido, alheio para si próprio. A alienação social está diretamente relacionada à maneira como o indivíduo se vê em sociedade. Ele não compreende que faz parte da formação dessa sociedade e de sua política, aceitando tudo o que lhe é imposto sem se questionar. Esta alienação impossibilita o ser humano do pensamento pessoal e independente, aceitando as coisas como natural. O indivíduo age sem saber das coisas, sem ter conhecimento da verdade atrás dos fatos, ele simplesmente vive fazendo a sua parte, não se importando em entender o que acontece ao seu redor.

Pode-se observar que a alienação afeta principalmente o homem no mundo contemporâneo, pois as relações sociais são mais determinadas pelas condições sociais e seus aspectos econômico e mercantil imposta pela sociedade capitalista. O mundo sem fronteiras e globalizado, impõem aos povos abandonar seus valores culturais, individuais, históricos, para assumir as da nova ordem mundial. Determinando os meios de comunicações, como entes definidores da vontade das massas, os quais criam valores e necessidades de consumo supérfluos e artificiais. Como também, desviando o interesse do indivíduo para atividades decisivas sobre a sua própria vida e as decisões políticas sobre o destino da sociedade.

Saramago, (2000) em sua obra “A Caverna”, apresenta de forma paradidática esta relação entre a caverna e o mundo contemporâneo ao comparar a Caverna de Platão com um Shopping Center, lançando um novo olhar para o mundo globalizado. Esse novo modelo ou nova ordem mundial está centralizado na economia sem fronteiras, onde as grandes corporações e conglomerados econômicos controlam todo o mercado mundial. E estes conglomerados passam a ter mais poder que os próprios Estados-Nações. Isso é exemplificado por Saramago (2000, p. 352) como o mundo neoliberal.

A caverna é uma história de gente simples: um oleiro, um guarda, duas mulheres e um cão muito humano. Esses personagens circulam pelo Centro, um gigantesco monumento do consumo onde os moradores usam crachá, são vigiados por câmeras de vídeo e não podem abrir as janelas de casa.

É no Centro que trabalha o guarda Marçal. Era para o Centro que seu sogro, o oleiro Cipriano, vendia a louça de barro que fabricava artesanalmente na aldeota em que vive - agora, os clientes do Centro preferem pratos e jarros de plástico. Sem outro ofício na vida, Cipriano perde a razão de viver. E a convite do genro, muda-se para o Centro, essa verdadeira gruta onde milhares de pessoas se divertem, comem e trabalham sem verem a luz do sol e da lua. Enquanto isso, embaixo dos diversos subsolos, os funcionários do Centro descobrem uma estranha caverna. Driblando a vigilância, Cipriano consegue entrar lá dentro. O que descobre é aterrador. (SARAMARGO, 2000, p.352).

Nessa versão moderna do mito, o autor faz uma representação da face cruel do mundo capitalista e tecnológico, demonstrando um regime totalitário que aliena todas as sensações e ações dos seres humanos, desde o nascimento até a morte.

E os meios de comunicação sociais tem um papel fundamental de informação e formação de seus espectadores. Como a aprendizagem não acontece somente na escola, devemos estar atentos a todos os meios de informações que contribuem para a aprendizagem do aluno.

Belloni (1999, p.17) afirma que o educador tem um papel importante para a análise dos meios de comunicações na prática educativa.

Os educadores têm um papel fundamental ao apropriar-se das tecnologias da informação e comunicação, cujo uso deverá ser como ferramenta e

recurso pedagógico de uma forma crítica e responsável e não somente como meros consumidores (BELLONI, 1999, p.17).

A utilização do vídeo na educação deve levar a uma tomada de consciência de quais são as causas da integração do vídeo nos processos educativos. Segundo Moran (1991, p.10):

Os meios de comunicação exercem poderosa influência em nossa cultura, desempenhando um importante papel educativo, transformando-se, na prática, numa segunda escola, paralela à convencional. Os meios de comunicação são processos eficientes de educação informal, porque ensinam de forma atraente (MORAN, 1991,p.10).

O artigo apresenta uma produção de vídeo, independente, não ideológica, autônoma e crítica. Onde possa haver a interação entre o educando e a aprendizagem.

3 METODOLOGIA

A aplicação do trabalho foi realizada com os alunos do 3º ano do ensino Médio, do turno matutino, no Colégio Estadual Barão do Rio Branco, localizado no Município de Foz do Iguaçu.

Para dar início à pesquisa bibliográfica, a turma foi dividida em grupos de dez alunos aproximadamente. Foi utilizado o espaço do Laboratório de Informática do colégio com os seguintes instrumentos de pesquisa: sites da internet, vídeos e áudios do Youtube e as demais referências bibliográficas citadas neste Artigo.

Os tópicos para pesquisa foram primeiramente a compreensão da Alegoria de Platão, através de alguns teóricos citados na bibliografia, tanto para a apresentação como para a análise da alegoria. Em seguida, um esclarecimento de todos os elementos da alegoria, para assim, poder relacionar a história que foi apresentada no século V a.C., com várias situações semelhantes ao longo da nossa história, e principalmente com situações vivenciadas pelos alunos.

Em seguida, ao alunos produziram um roteiro para a produção de um vídeo relacionando a história do Mito da Caverna com situações apresentadas em nossa sociedade, como por exemplo, o próprio lar, a televisão, o computador, uma rede social, o celular, o shopping center, como também a política, a religião, o sistema educacional, entre outras situações.

Para estabelecer essa relação e a produção do vídeo, os alunos foram acompanhados e orientados pelo professor da disciplina e pelo professor do laboratório para pesquisar sobre o Mito da Caverna de Platão, compreendendo o verdadeiro significado do mito e relacionando as ideias de Platão com a sociedade atual. Cada elemento da alegoria deveria estar relacionado com os elementos da atualidade. E para concluir, os educandos produziram um vídeo no qual

expressaram sua interpretação acerca da compreensão da pesquisa e a sua aplicabilidade.

Os vídeos foram produzidos em programas de produção de vídeos disponíveis na internet, gratuitos, mas de boa qualidade, como por exemplo: Celtix, Light Work, MPEG Streamclip, Windows Movi Maker, Audacity, entre outros.

A produção deverá ter entre três a cinco minutos e seus atores poderão ser os próprios elementos do grupo.

A avaliação dos trabalhos dos alunos ocorreu ao longo das produções, começando pela compreensão do mito e sua relação com as situações da realidade. Foi avaliada também a produção do vídeo levando em consideração o roteiro, a participação de todos os alunos do grupo e a compreensão do assunto.

Os grupos foram avaliados desde o início da produção, mas o trabalho final foi o próprio vídeo, que deveria ser de fácil entendimento, visto que, seria postado em uma rede social e todos que acessarem deverão ter a capacidade de compreensão.

4 RESULTADO

Percebeu-se, através deste trabalho, a compreensão, por parte do aluno, da situação vivenciada em nossa sociedade. A importância de pensar sobre aquilo que nos é imposto e de conhecer, analisar e questionar as realidades ao nosso redor.

É através da busca do conhecimento, que se inicia com a indignação das verdades apresentadas e rotuladas pela sociedade, ou ainda das ideologias dominantes que se compreende o verdadeiro eixo norteador e as estruturas vigentes no nosso sistema e assim, nos tornamos críticos e livres das cavernas da pós-modernidade.

Desta forma, podemos observar com as interpretações do Mito da Caverna na atualidade que os alunos demonstraram uma visão crítica dos problemas relacionados a alguns segmentos da sociedade, como por exemplo: da política, da mídia, da educação, dos jogos virtuais, de um programa de jornal, percebendo o lado imaginário, superficial, consumista que o sistema capitalista selvagem imprime.

Um dos trabalhos produzidos que se refere à política consta de um roteiro bem específico (APÊNDICE 1) de fácil compreensão, onde percebe-se de forma clara a relação do Mito da Caverna com a política atual. Este grupo trabalhou em conjunto, todos os elementos participaram ativamente da construção. Houve uma divisão de tarefas, entre: produção do roteiro e texto, produção de imagens, edição, apresentação para a sala e produção geral. O programa utilizado para a edição do vídeo foi o Movi Maker. Neste trabalho, os estudantes criticaram a política atual, relatando como os candidatos em época de campanha eleitoral fazem promessas que muitas vezes não tem a condição ou intenção de cumpri-las. E que, as campanhas eleitorais na televisão, isto é a propaganda eleitoral gratuita, mostram as promessas de uma sociedade melhor, mas após eleitos, muitos candidatos não cumprem suas promessas e ainda governam em benefício próprio. Podemos

observar este vídeo no endereço eletrônico:
https://www.youtube.com/watch?v=XO_8BF6b69Q

Outro grupo de estudantes, produziu um vídeo o qual se estabelece a comparação do Mito da Caverna com os jogos eletrônicos, destacando o GTA (Grand Theft Auto) (APÊNDICE 2), que através de situações diárias, nas quais o jogador é estimulado a gastar tempo, dinheiro, e acreditar que essas situações são reais, influenciando suas ideias e suas atitudes. Nesta produção, foi utilizado o Movie Maker, considerado pelos alunos um programa de fácil manejo. O grupo elegeu um membro responsável para a realização das seguintes tarefas: produção, roteiro, seleção de imagens e edição. Disponível em: <https://youtu.be/PkqWRuFTMYM>

No que se refere à avaliação das produções, pode-se observar que os estudantes ficaram insatisfeitos com as situações analisadas. E apontaram a libertação como forma de sair dessas situações. E ainda, demonstraram preocupação com a alienação, com a violação dos direitos humanos, com os jogos virtuais que manipulam a realidade, com a corrupção na política, a influência das mídias na formação do indivíduo. Destacaram assim, a valorização da vida, a importância do conhecimento verdadeiro, a negação da exclusão social, da discriminação e da alienação.

5 DISCUSSÃO

No campo teórico, a leitura do texto clássico serviu de alicerce para a compreensão do tema proposto de modo a facilitar a interpretação da teoria dos autores e assim, poder relacioná-la com a realidade de nossos educandos.

O campo prático se torna relevante na medida em que permite mostrar o conhecimento como ferramenta ímpar de libertação e transformação, que leva o indivíduo a tornar-se um cidadão atuante e participativo nas decisões políticas da cidade, transformando um indivíduo alienado e manipulado, em um cidadão ativo.

Observa-se que ocorreu a práxis educativa, na medida em que se constata a importância pessoal do tema proposto, no qual o educando pode associar situações vivenciadas com a pesquisa, como por exemplo: a política, a educação, os meios de comunicações, os jogos eletrônicos, a moda, a tecnologia e suas redes sociais, o celular, a internet, e muitas outras situações. Deste modo, o aluno poderá avaliar sua posição e suas ações em relação a atual estrutura política e social dominantes na sociedade.

Este trabalho proporcionou uma melhor observação da realidade de cada um, como também da forma que nos colocamos como sujeitos diante desta realidade. Na maioria dos alunos, percebeu-se uma visão crítica da realidade e uma intenção pessoal de mudança.

Considerou-se positivo o trabalho com a produção de vídeos, pois o aluno além de dominar o conteúdo proposto, teve que apresentar também um nível de maturidade e criatividade para elaboração dos vídeos. Não se pode deixar de mencionar também, o domínio da tecnologia e programas para esta finalidade. Os

alunos mostraram-se motivados pelo manuseio de programas de computador, filmadoras, celulares, internet, entre outros, o que tornou a atividade mais produtiva e a aprendizagem significativa.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Mito da Caverna, mesmo sendo escrito há muitos anos antes de Cristo, mantém-se atualizado podendo ser perfeitamente relacionado à nossa realidade. Visto que em várias situações observou-se que vivemos como em uma caverna.

Atualmente, muitas pessoas vivem uma realidade confortável que é transmitida pelas mídias, aumentando a alienação, o consumismo e reforçando o capitalismo selvagem.

A relação entre o Mito da Caverna e nossa realidade ficou presente em todo o trabalho, podendo-se concluir que os indivíduos se acomodam e vivem acorrentados atualmente dentro de suas cavernas, que podem ser sua casa, a televisão, o computador, um rede social, o celular, o shopping center, como também a política, a religião, o sistema educacional, e tantos outros exemplos que impõem ideias em suas cabeças. Ideias estas produzidas e manipuladas por quem detém o poder e os meios ideológicos. O que estes meios transmitem se torna reais para as pessoas. Passivas diante dessa situação, as pessoas são manipuladas, corrompidas, levadas a alienação e tantos outros absurdos. Mas como na alegoria, é preciso indignar-se com esta situação, espantar-se com ela, contestar, indagar e opinar. É preciso se libertar das correntes da alienação, ter desejos e vontades próprias, ideias e ações independentes e particulares, para poder ver a luz, coisas novas, sensações diferentes e principalmente descobrir a verdadeira realidade.

Este trabalho de produção de mídias a partir da compreensão do processo de alienação embasado no Mito da Caverna de Platão, fez com que os estudantes percebessem que a pós-modernidade nos leva a alienação e é necessário sair da caverna, vencer os medos, para construir uma “polis” melhor, uma sociedade onde os seus indivíduos lutem por todos. Uma sociedade onde os medos, e as barreiras sejam aniquilados e que a liberdade e a mudança de mentalidade sejam a certeza de um novo momento e uma nova sociedade. Sociedade esta, onde os indivíduos se comuniquem mutualmente, sejam senhores de si mesmos, protagonistas de desejos e sonhos e que a ignorância seja superada pelo conhecimento verdadeiro.

Este trabalho de produção de vídeos poderá ser utilizado e aplicado por outros professores da disciplina de Filosofia, quanto ao conteúdo estruturante Mito e Filosofia, principalmente referindo-se ao Mito da Caverna de Platão, pois ficou evidente a participação ativa, a motivação e o interesse por parte dos alunos, como também uma fácil compreensão do assunto.

REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, N. **Dicionário de Filosofia**. Trad. Alfredo Bosi. 2ª ed. São Paulo: Mestre Jou, 1962.
- BELLONI, M. L. **Educação à Distância**. Campinas/SP: Autores Associados, 1999.
- BRISSON, L. **Leituras de Platão**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.
- BRISSON, L., PRADEAU J. **Vocabulário de Platão**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2010.
- CABRAL, J. F. P. **MITO DA CAVERNA DE PLATÃO**. São Paulo, 2015. Disponível em: <<http://www.brasilecola.com/filosofia/mito-caverna-platao.htm>>. Acesso em 10 de setembro de 2015.
- DIXSAUT, M. **República, livros VI e VII**. Lisboa: Didática, 2000.
- FOUCAULT, M. Ditos e escritos. **Repensar a Política**. MOTTA, M. B. da (Org.). Tradução de Ana Lúcia Paranhos Pessoa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010. v.6.
- FRONTEROTTA, F., BRISSON, L. **Platão: leituras**. São Paulo: Loyola, 2011.
- LUCE, J. V. **Curso de filosofia grega: do século VI a.C. ao século III d.C.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994.
- MORAN, J. M. **Como Ver Televisão: leitura e crítica dos meios de comunicação**. São Paulo/ SP: Edição Paulinas, 1991.
- PLATÃO. **A República**. Tradução de Anna Lia A. A. Prado. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- SANTOS, J. T. **Para ler Platão**. São Paulo: Edições Loyola, 2008, 3 v.
- SARAMAGO, J. **A Caverna**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001b.
- TRABATTONI, F. **Platão**. São Paulo: Annablume, 2010.

ANEXO 1

Texto-base para as produções de vídeo

MITO DA CAVERNA DE PLATÃO

O Mito da Caverna Extraído de "A República" de Platão 6ª ed. Ed. Atena, 1956, p. 287-291 SÓCRATES – Figura-te agora o estado da natureza humana, em relação à ciência e à ignorância, sob a forma alegórica que passo a fazer. Imagina os homens

encerrados em morada subterrânea e cavernosa que dá entrada livre à luz em toda extensão. Aí, desde a infância, têm os homens o pescoço e as pernas presos de modo que permanecem imóveis e só vêem os objetos que lhes estão diante. Presos pelas cadeias, não podem voltar o rosto. Atrás deles, a certa distância e altura, um fogo cuja luz os alumia; entre o fogo e os cativos imagina um caminho escarpado, ao longo do qual um pequeno muro parecido com os tabiques que os pelotiqueiros põem entre si e os espectadores para ocultar-lhes as molas dos bonecos maravilhosos que lhes exibem. GLAUCO - Imagino tudo isso. SÓCRATES - Supõe ainda homens que passam ao longo deste muro, com figuras e objetos que se elevam acima deles, figuras de homens e animais de toda a espécie, talhados em pedra ou madeira. Entre os que carregam tais objetos, uns se entretêm em conversa, outros guardam em silêncio. GLAUCO - Similar quadro e não menos singulares cativos! SÓCRATES - Pois são nossa imagem perfeita. Mas, dize-me: assim colocados, poderão ver de si mesmos e de seus companheiros algo mais que as sombras projetadas, à claridade do fogo, na parede que lhes fica fronteira? GLAUCO - Não, uma vez que são forçados a ter imóvel a cabeça durante toda a vida. SÓCRATES - E dos objetos que lhes ficam por detrás, poderão ver outra coisa que não as sombras? GLAUCO - Não. SÓCRATES - Ora, supondo-se que pudessem conversar, não te parece que, ao falar das sombras que vêem, lhes dariam os nomes que elas representam? GLAUCO - Sem dúvida. SÓCRATES - E, se, no fundo da caverna, um eco lhes repetisse as palavras dos que passam, não julgariam certo que os sons fossem articulados pelas sombras dos objetos? GLAUCO - Claro que sim. SÓCRATES - Em suma, não creriam que houvesse nada de real e verdadeiro fora das figuras que desfilaram. GLAUCO - Necessariamente. SÓCRATES - Vejamos agora o que aconteceria, se se livrassem a um tempo das cadeias e do erro em que laboravam. Imaginemos um destes cativos desatado, obrigado a levantar-se de repente, a volver a cabeça, a andar, a olhar firmemente para a luz. Não poderia fazer tudo isso sem grande pena; a luz, sobre ser-lhe dolorosa, o deslumbraria, impedindo-lhe de discernir os objetos cuja sombra antes via. Que te parece agora que ele responderia a quem lhe dissesse que até então só havia visto fantasmas, porém que agora, mais perto da realidade e voltado para objetos mais reais, via com mais perfeição? Supõe agora que, apontando-lhe alguém as figuras que lhe desfilavam ante os olhos, o obrigassem a dizer o que eram. Não te parece que, na sua grande confusão, se persuadiria de que o que antes via era mais real e verdadeira que os objetos ora contemplados? GLAUCO - Sem dúvida nenhuma. SÓCRATES - Obrigado a fitar o fogo, não desviaria os olhos doloridos para as sombras que poderia ver sem dor? Não as consideraria realmente mais visíveis que os objetos ora mostrados? GLAUCO - Certamente. SÓCRATES - Se o tirassem depois dali, fazendo-o subir pelo caminho áspero e escarpado, para só o liberar quando estivesse lá fora, à plena luz do sol, não é de crer que daria gritos lamentosos e brados de cólera? Chegando à luz do dia, olhos deslumbrados pelo esplendor ambiente, ser-lhe ia possível discernir os objetos que o comum dos homens tem por serem reais? GLAUCO - A princípio nada veria. SÓCRATES - Precisaria de algum tempo para se a fazer à claridade da região superior.

Primeiramente, só discerniria bem as sombras, depois, as imagens dos homens e outros seres refletidos nas águas; finalmente erguendo os olhos para a lua e as estrelas, contemplaria mais facilmente os astros da noite que o pleno resplendor do dia. GLAUCO - Não há dúvida. SÓCRATES - Mas, ao cabo de tudo, estaria, decerto, em estado de ver o próprio sol, primeiro refletido na água e nos outros objetos, depois visto em si mesmo e no seu próprio lugar, tal qual é. GLAUCO - Fora de dúvida. SÓCRATES - Refletindo depois sobre a natureza deste astro, compreenderia que é o que produz as estações e o ano, o que tudo governa no mundo visível e, de certo modo, a causa de tudo o que ele e seus companheiros viam na caverna. GLAUCO - É claro que gradualmente chegaria a todas essas conclusões. SÓCRATES - Recordando-se então de sua primeira morada, de seus companheiros de escravidão e da ideia que lá se tinha da sabedoria, não se daria os parabéns pela mudança sofrida, lamentando ao mesmo tempo a sorte dos que lá ficaram? GLAUCO - Evidentemente. SÓCRATES - Se na caverna houvesse elogios, honras e recompensas para quem melhor e mais prontamente distinguisse a sombra dos objetos, que se recordasse com mais precisão dos que precediam, seguiam ou marchavam juntos, sendo, por isso mesmo, o mais hábil em lhes predizer a aparição, cuidas que o homem de que falamos tivesse inveja dos que no cativeiro eram os mais poderosos e honrados? Não preferiria mil vezes, como o herói de Homero, levar a vida de um pobre lavrador e sofrer tudo no mundo a voltar às primeiras ilusões e viver a vida que antes vivia? GLAUCO - Não há dúvida de que suportaria toda a espécie de sofrimentos de preferência a viver da maneira antiga. SÓCRATES - Atenção ainda para este ponto. Supõe que nosso homem volte ainda para a caverna e vá assentar-se em seu primitivo lugar. Nesta passagem súbita da pura luz à obscuridade, não lhe ficariam os olhos como submersos em trevas? GLAUCO - Certamente. SÓCRATES - Se, enquanto tivesse a vista confusa -- porque bastante tempo se passaria antes que os olhos se afizessem de novo à obscuridade -- tivesse ele de dar opinião sobre as sombras e a este respeito entrasse em discussão com os companheiros ainda presos em cadeias, não é certo que os faria rir? Não lhe diriam que, por ter subido à região superior, cegara, que não valera a pena o esforço, e que assim, se alguém quisesse fazer com eles o mesmo e dar-lhes a liberdade, mereceria ser agarrado e morto? GLAUCO - Por certo que o fariam. SÓCRATES - Pois agora, meu caro GLAUCO, é só aplicar com toda a exatidão esta imagem da caverna a tudo o que antes havíamos dito. O antro subterrâneo é o mundo visível. O fogo que o ilumina é a luz do sol. O cativo que sobe à região superior e a contempla é a alma que se eleva ao mundo inteligível. Ou, antes, já que o queres saber, é este, pelo menos, o meu modo de pensar, que só Deus sabe se é verdadeiro. Quanto à mim, a coisa é como passo a dizer-te. Nos extremos limites do mundo inteligível está a ideia do bem, a qual só com muito esforço se pode conhecer, mas que, conhecida, se impõe à razão como causa universal de tudo o que é belo e bom, criadora da luz e do sol no mundo visível, autora da inteligência e da verdade no mundo invisível, e sobre a qual, por isso mesmo, cumprir ter os olhos fixos para agir com sabedoria nos negócios particulares e públicos.

APÊNDICE 1

Vídeo sobre a Política

As pessoas nascem presas a uma realidade onde passam os dias olhando para o fundo da caverna. Vivem olhando um feixe de luz no fundo da caverna. São essas pessoas que acreditam em um mundo que para os demais não existe. E quando saem da caverna não querem acreditar na verdade, na realidade.

Porém é tarde demais!

O mito da caverna na atualidade pode ser comparado com o horário político, que passa na televisão. É tudo perfeito, sem erros e sem corrupção. Dando a impressão de que vai levar o país a um nível melhor. Promessas e mais promessas de um país perfeito. E a maioria da sociedade vota no candidato que mais promete. E chega a hora de cumprir com o prometido e eles fazem totalmente o contrário.

Milhões de reais são roubados, que poderiam ser investidos em saúde pública e educação. Mas não é bem assim. Poderia mudar esta triste realidade, mas infelizmente são poucos os que realmente querem mudar algo. Para eles tanto faz dizer que a política não tem como mudar.

Alguns preferem permanecer calados. A mudança começa na sociedade, basta querer, porque não somos bonecos de plástico e ainda permanecemos na caverna, acorrentados a esse mundo, com medo de alguma coisa que não sabemos o que é. Por isso não conseguimos mudar. Porque não queremos.

APÊNDICE 2

Vídeo jogo GTA (Grand Theft Auto)

Há muito tempo em Atenas nasceu um garoto cujo nome era Platão. Crescendo, esse garoto tornou-se um grande pensador, o qual dizia que nós vivemos em um mundo material e imperfeito, e que o verdadeiro mundo seria o mundo das ideias, que era perfeito e eterno.

Assim, para explicar isto ao povo de uma forma simples ele criou o Mito da Caverna.

Esse mito foi criado há muito tempo, mas ainda podemos compará-lo com fatos atuais.

A partir de agora vou utilizar um jogo chamado GTA (Grand Theft Auto). Este jogo seria o fundo da caverna o que você vê nele são as “sombras” da vida real, uma simulação. Muitas pessoas passam horas e horas jogando, e isso faz com eles percam seus tempos sociais e acabe fazendo do jogo sua nova vida. Elas gastam tempo e dinheiro com os jogos, dedicando suas vidas. No jogo podemos: matar, roubar e fazer o que bem entendermos. O jogo serve como influência pelo fato de que o jogador passa a utilizar armas, drogas e violência diariamente.

Mas isso não é a realidade, é só o fundo da caverna. A caverna na qual o jogador não vê a realidade, o mundo lá fora.